

VOGA,VOGA, TIMOR MENINO,VOGA

*Pe. Vitor Melicias, OFM**

Quando ao cair de uma manhã dos primeiros dias de outubro de 1999, cheguei pela primeira vez a Díli como Comissário para o Apoio à Transição em Timor-Leste (CATTIL) com a missão humanitária de dinamizar e coordenar o apoio de Portugal às populações e ao processo de transição, após breve passagem pelas Canossianas de Balide, onde precariamente se instalara a missão portuguesa que dias antes tinha enviado, fui de imediato conduzido pelo Coordenador da Missão, Dr. Rui Silva, juntamente com o lendário Manuel Carrascalão e o meu chefe de gabinete, Dr. Henrique de Jesus, às montanhas sobranceiras de Díli para um primeiro contacto com a realidade dolorosa que se vivia na cidade.

Enquanto, lá do alto, observávamos a cidade ainda fumegante dos pavorosos incêndios, que as milícias indonésias haviam provocado na retirada, aproximou-se de nós uma mulher com uma criança nos braços e duas outras, de olhos esbugalhados, agarradas à saias da mãe. De voz embargada, apontando o dedo e o olhar para uma casa ainda em chamas lá em baixo na cidade, disse: “aquela ali era a nossa casa”. E eu, também emocionado e sem encontrar as palavras mais adequadas ao dramatismo da situação, limitei-me a sussurar: “então e agora?”. “Agora?”, respondeu ela, firme e determinada, “agora, fazemos outra!”.

Nesse momento compreendi o sentido da minha missão junto do povo timorense e senti o pulsar da alma desse povo extraordinário bem como tudo o que naquela hora trágica os unia perante um futuro, que parecia sem solução nem remédio.

* Antigo Comissário para o Apoio à Transição em Timor-Leste.

Compreendi então, na verdade e para sempre, a força de um povo que fala no plural coletivo e diz “agora, fazemos outra”, povo que não verga perante a desgraça, povo que olha o presente destruído como futuro reconstruído. Talvez atônito, talvez resignado, nunca, porém, desesperado nem, muito menos, vencido e sem vontade de reagir.

Quinze anos passados e agora já em clima de liberdade, conquistada a pulso do querer coletivo, não obstante as dificuldades da reconstrução e todas as hesitações do processo, sinto, inequivocamente, que é no sentido de unidade nacional e na determinação coletiva que este encantador país, de difícil mas gloriosa história, pode assumir o papel profético de primeiro país do novo milénio a alcançar a independência no concerto das nações, contribuindo, através do exemplo de unidade no respeito pela diversidade, para a consolidação de um mundo globalizado em que a ecologia cósmica da diversidade funcione como alicerce indefectível da única e universal família humana, na qual, sendo todos diferentes, todos somos radicalmente iguais e todos irmãos.

Tal como o Brasil e Angola ou Moçambique e os outros países irmãos, de grandes fronteiras e comum tradição lusófona, souberam caldear a sua história e garantir a força da sua identidade nacional pela defesa de uma unidade coletiva que engloba como um só povo as mais diversas etnias, culturas e até religiões, assim também Timor, terra de tantas e tão variadas línguas, culturas, reinos e tradições locais, há-de encontrar no espírito dos antepassados, que pairam nas montanhas e na alma do povo, a sabedoria e a força contra todas as crises e tentações de hegemonias e de domínios atentatórios da unidade que faz do povo timorense um povo de povos, onde cada tradição é parcela unificadora da indestrutível unidade nacional.

Quando, em certos momentos de crise da vida política de Timor-Leste já independente, alguns temerariamente acenaram com diferenças étnicas e tradicionais para tentarem impor orientações políticas ou domínios territoriais, temi que pudesse estar a ser minada a grande força da coesão e tolerância com que o humanismo universalista de tradição lusófona tem ajudado os nossos países a construir as suas identidades nacionais.

Felizmente, porém, a recente evolução dos acontecimentos e o bom senso dos líderes e do povo parecem garantir que esse menino lendário, que é o povo de Timor, continue a vogar feliz pelos mares da história, agora empunhando a bandeira da liberdade no dorso do avô crocodilo.

Timor-Leste, tão pequenino e tão grande, singrando a história na imagem culturalmente profética de uma criança que flutua no dorso amigo do avô crocodilo a caminho do futuro por entre a constelação de infinitas ilhas do mar austral, só pode incarnar o sentido da vocação histórica, que a própria história lhe destinou, preservando, na mais indestrutível unidade, a sua congénita identidade de povo de povos, reino de reinos, nação de gente que se sente e se trata por irmão e que, mesmo em crescente diáspora dispersa pelo mundo ou no contacto com os seus vários vizinhos, se comporta com uma só família, a família timorense.

Na verdade, como, apelando ao ideal *“Um por todos, todos por um”*, afirmou o atual Primeiro Ministro, no seu discurso de posse em fevereiro de 2015, “todos juntos podemos fazer melhor – deve ser o espírito que move a nossa sociedade, que será tanto ou mais solidária e unida quanto cada um de nós contribuir com um verdadeiro sentido de coragem, dever e responsabilidade para a construção coletiva da nossa nação”.

Se assim for e na medida em que assim for – o que Deus permita – bem posso dizer em comemoração dos quinhentos anos de Encontro de Povos e de Culturas entre Portugal e Timor: “Voga, voga, Timor menino, voga”... e que Deus te abençoe pelos séculos sem fim.